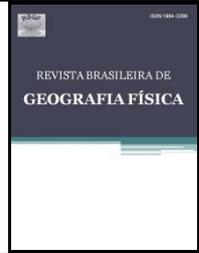




Revista Brasileira de Geografia Física

Homepage: www.ufpe.br/rbgfe



Turismo e Sustentabilidade: Percepção de Necessidades de Nativos e Turistas da Serra Negra (Bezerros - PE), à luz da Fenomenologia

Sandro Valença¹, Antonio Fagner da Silva Bastos², Kelly Maria Paz-e-Silva²
Daniel Macedo Barreto Sales²

¹Doutor em Tecnologia Ambiental e Recursos Hídricos, pelo Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil/Universidade Federal de Pernambuco; Professor do Núcleo de Gestão/Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco (Brasil). Endereço eletrônico: sandro_valenca@hotmail.com;
²Graduandos em administração, do Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco (Brasil).

Artigo recebido em 10/10/2012 e aceito em 11/10/2012

RESUMO

Turismo é fenômeno de interação entre nativos e turistas num local. A interação ressalta necessidades dos dois grupos de atores. Inevitavelmente, as necessidades causam impactos na sustentabilidade do próprio fenômeno. Assim, o objetivo do estudo foi descrever a percepção de nativos e turistas sobre necessidades relacionadas ao turismo praticado na Serra Negra (Bezerros/Pernambuco). Para alcançá-lo, usou-se a fenomenologia hermenêutica interpretativa, de Heidegger, norteando levantamentos bibliográficos e documentais, observações diretas e entrevistas. As evidências coletadas foram analisadas e sintetizadas, gerando reduções eidéticas, ou seja, descrições de necessidades, na percepção de nativos e turistas: infraestrutura básica; expansão do comércio; educação à preservação do ambiente natural; capacitação profissional dos nativos; promoção de eventos; valorização da cultura local; melhoria da interação entre nativos e turistas; contenção do turismo em massa; manutenção do estado original das dimensões ambientais. Com base nestas necessidades, pode-se, agora, elaborar considerações e propostas para unir turismo e sustentabilidade.

Palavras-chave: Turismo; Sustentabilidade; Serra Negra; Fenomenologia.

Tourism and Sustainability: Perceived Needs of Tourists and Natives of Serra Negra (Bezerros - PE), Based on Phenomenology

ABSTRACT

Tourism is phenomenon of interaction between locals and tourists in place. The interaction highlights needs of these two groups of actors. Inevitably, needs cause impacts on sustainability of phenomenon. Thus, the aim of this study was to describe the perception of natives and tourists on needs related to tourism practiced in Serra Negra (Bezerros/Pernambuco). To achieve this objective, Heidegger's interpretive hermeneutic phenomenology was used, guiding bibliographic and documentary surveys, direct observations and interviews. The evidence collected was analyzed and summarized, generating eidetic reductions, descriptions of needs as perceived by locals and tourists: basic infrastructure; commercial expansion; education for preservation of natural environment; professional training of natives; promotion of events; appreciation of local culture; improvement of interaction between locals and tourists; contention of massive tourism; maintenance of original state of environmental dimensions. Based on these needs, it is presently possible to draw considerations and proposals for unification of tourism and sustainability.

Keywords: Tourism; Sustainability; Serra Negra; Phenomenology.

1. Introdução

O turismo é um gerador de emprego e

renda. Trata-se, pois, de um fenômeno relevante a toda e qualquer localidade que o tenha como vocação. A despeito dos impactos positivos, no entanto, não se deve ignorar que

*E-mail para correspondência:
sandro_valenca@hotmail.com (Valença, S.).

sua prática causa também impactos negativos.

1.1 Turismo e Dimensões da Sustentabilidade

“Estudiosos destacam que os principais impactos do turismo são econômicos, [naturais], sociais e culturais [...]” (Lohmann, 2008, p. 207). O “Acordo de Mohonk” — produto de um encontro, realizado em 2000, em New Paltz, nos Estados Unidos, o qual reuniu proeminentes programas de certificação de turismo sustentável e ecoturismo global —, por exemplo, definiu turismo sustentável como o que procura minimizar impactos sobre as dimensões natural, social e cultural, enquanto promove benefícios econômicos às comunidades locais (Ricardo & Campanili, 2008).

Tal definição, é patente, está alinhada ao relatório “Nosso Futuro Comum” (UN, 1987), o qual, pioneiramente, definiu desenvolvimento sustentável como o que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras — afirmando, por implicação, que um crescimento econômico sem melhoria da qualidade de vida das pessoas não pode ser considerado desenvolvimento (Valença, 2008; Nascimento *et al.*, 2008).

Em outras palavras, desenvolvimento sustentável busca integrar e harmonizar conceitos relacionados ao crescimento econômico, à conservação da natureza — com a óbvia utilização racional de recursos naturais —, à justiça e ao bem-estar social

(Acsehrad, 2009; Nascimento & Vianna, 2009; IBGE, 2004). Suas inúmeras definições decorrem de um conceito que abrange, sobretudo, as dimensões econômica, natural, social e cultural. Reitera-se, assim, que a sustentabilidade exige um processo que contemple estas diversas dimensões ambientais da sociedade (Regules *et al.*, 2007).

A segunda metade do século XX mostrou que o crescimento econômico, embora tenha sido uma condição *sine qua non* ao progresso, não foi suficiente ao desenvolvimento. Mesmo forte e contínuo, o crescimento pode gerar retrocessos em outras dimensões. Por conseguinte, a avaliação do desenvolvimento pede critérios qualitativos junto aos quantitativos (Sachs, 2003).

Há um postulado para cada dimensão da sustentabilidade, a saber:

- Econômica: O crescimento alicerçado no aumento de eficiência de utilização de energia e de recursos naturais, somados a mudanças em padrões de produção e de consumo da sociedade, a reduções de desperdícios e a maiores perspicácias acerca de impactos de ações (IBGE, 2004; Sachs, 2003).
- Natural: A utilização racional dos recursos bióticos — flora e fauna — e abióticos — solo, água e ar —, sob a perspectiva do longo prazo. A utilização sustentável dos

recursos renováveis ocorre ao se os aproveitar abaixo de suas capacidades de reposição e a dos não-renováveis, ao se os aproveitar com parcimônia e eficiência (Valença, 2008; IBGE, 2004).

- Social: A distribuição de renda de forma menos concentrada, com diferentes segmentos da sociedade ampliando suas influências em tomadas de decisões públicas, com universalização de saneamento básico, de saúde e de educação e sem distinções de etnias, religiões, sexos e gêneros (IBGE, 2004; Sachs, 2003).
- Cultural: O reconhecimento dos conjuntos de aptidões peculiares de uma raça ou sociedade. Ela caracteriza o modo de ser, viver, relacionar-se e comportar-se de um povo (Branco, 1997). Logo, sustentabilidade cultural demanda proteção de aptidões, com configuração que evite homogeneidades dispensáveis em costumes e consequentes perdas de valores típicos de cada população — uma pessoa, ao entrar em contato com um grupo social de cultura diferente, pode causar e sofrer reações distintas, como embate, rejeição, aceitação ou assimilação (Myanaki *et al.*, 2007). E as reações, em geral, são

prejudiciais no longo prazo aos envolvidos.

O desenvolvimento sustentável será alcançado com “soluções triplamente ganhadoras” — crescimento econômico com políticas de prudência sobre a dimensão natural e impactos positivos sobre a social (Sachs, 2003). E, com uma constituição mais ampla, respeito sobre a cultural.

1.2 Impactos Negativos do Turismo

O turismo é um fenômeno que ocorre quando as pessoas se deslocam a lugares diferentes dos de sua residência habitual com a intenção de retorno — acontecimento que requer a existência de condições que o possibilitem. Ele não abrange somente o fenômeno em si, mas, também, todos os produtos (serviços e bens) que permitem sua ocorrência (Trigo *et al.*, 2007).

No turismo há encontro e troca de produtos e experiências entre um grupo oriundo da localidade visitada — o dos nativos — e o grupo oriundo de fora dela — o dos turistas. Trata-se de um fenômeno social, que cria múltiplas relações de importância econômica, social e cultural — além, é claro, daquelas que ocorrerão com o ambiente natural da localidade visitada (Melo, 2005). Ele pode produzir grandes ganhos sobre todas as relações, bem como grandes problemas. Devido a tanto, fazer com que a sustentabilidade coexista com o turismo é imprescindível, o que torna o termo turismo sustentável gradualmente mais comum e

obrigatório.

Por turismo sustentável se admitem as práticas que fomentem a utilização dos patrimônios natural, social e cultural, conservando o local visitado para que as gerações futuras também possam obter os mesmos benefícios (Ricardo & Campanili, 2008). Busca-se, então, equilíbrio dimensional, com estrita atenção a impactos — entendidos como os efeitos positivos e/ou negativos causados por certas ações em determinado local. Sem exceção, a prática turística causa impactos sobre a localidade

visitada.

Concentrando-se nos impactos negativos do turismo, é sabido que as regiões receptoras, em contrapartida ao dinheiro, acomodam-se da maneira que podem, aceitando, em decorrência, transtornos no seu modo de vida, perda de sua identidade cultural e degradação do seu ambiente natural (Krippendorf, 2001).

Alguns dos principais impactos negativos causados pelo turismo são expostos na Tabela 1 (Lohmann, 2008).

Tabela 1. Impactos negativos do turismo. Adaptado de Lohmann (2008).

Ambiente	Impactos Negativos
Econômico	Exploração de mão-de-obra local, com pagamento de baixos salários; Especulação imobiliária; Elevação de preços de bens e serviços nas localidades; Alta dependência do setor turístico; Supervalorização do setor, desprezando atividades essenciais diversas; Desenvolvimento não equitativo entre regiões.
Natural	Contaminação de nascentes e cursos de água pelas atividades afetas ao turismo; Diminuição de espaços verdes; Utilização inadequada do solo, propiciado pelos empreendimentos turísticos mal planejados; Transformação dos espaços físicos dos destinos, que passam a ser orientados apenas ao turismo; Verticalização dos centros urbanos; Erosões em trilhas e outras vias; Transformação da paisagem.
Social	Valorização exacerbada do turista, em detrimento do nativo; Desenvolvimento de visão estereotipada entre turistas e nativos; Exploração sexual infantojuvenil na localidade; Aumento da violência.
Cultural	Deturpação ou destruição dos valores locais pelo processo de aculturação; Banalização e “espetacularização” da cultura local e de grupos minoritários; Miscigenação cultural; Influências idiomáticas descaracterizadoras do idioma local.

Dentro das peculiaridades de seus estudos, inúmeros outros autores corroboram as evidências da Tabela 1, a exemplo de Trigo (1998), Prado (2003), Mendonça & Irving (2004), Valença (2008) e Valença *et al.*, (2010).

Uma prática de turismo que minimize ou elimine impactos negativos deve ser uma meta tanto a nativos quanto a turistas. É notório que “[...] uma troca só pode ser

qualificada como equitativa se os custos e os benefícios forem repartidos de forma mais ou menos equivalente entre as duas partes” (Krippendorf, 2001, p. 75).

1.3 Turismo, Nativos e Turistas

Um fenômeno é algo que acontece neste exato momento e, só por acontecer, faz-se existente (Husserl, 2008b; 2001). É definido por Husserl como o objeto intuído aparente —

aquele que aparece aqui e agora (Mora, 1978).

Como fenômeno, o turismo conta com o ser humano em sua essência. Dele e para ele se dão todas as ações turísticas. O ser humano é, portanto, a chave à compreensão do fenômeno. E, sem ele interagindo com a infraestrutura e as organizações de atividades turísticas, existe apenas um fato turístico, não um fenômeno (Panosso Netto, 2011). Qualquer estudo sobre o turismo em uma localidade deve levar em conta, obrigatoriamente, seus atores nucleares: os

autóctones e os alóctones — os nativos e os turistas, respectivamente.

Por nativo se entende a pessoa que reside na localidade — ora, destino turístico —, vivendo ou não ela em função do turismo. Com o aumento da atividade turística, a população local é a que, obviamente, mais se interessa pela prática. O problema é que, na maioria dos estudos — e nas ações — sobre tal, ela não tem “voz” e é, por certo, esquecida (Mendonça & Irving, 2004; Paiva, 1995).

[A] ampliação do setor turístico deve ser vista com bons olhos, desde que se busque um turismo harmonioso que implique em princípio a conscientização das populações nativas dos locais que optaram ou que visam optar por turismo com prioridade, bem como na adoção de estratégias mais lúcidas e mais responsáveis que evitem os seus inúmeros efeitos negativos (Paiva, 1995, p. 14).

Por turista se entende a pessoa que visita temporariamente determinado lugar e nele permanece período superior a 24 horas — ou um pernoite — e inferior a um ano, com finalidade de fruição de lazer, descanso, entretenimento ou outra atividade não lucrativa, aproveitando a paisagem, o clima e/ou a infraestrutura local. Uma definição bastante utilizada é a da “Conferência sobre Viagens Internacionais e Turismo”, de 1963 (Beni, 2001), que o apresenta como um visitante temporário, o qual permanece pelo menos 24 horas no país visitado, cuja finalidade de viagem pode ser lazer, negócio, família, missão e conferência. Deve-se aceitar, porém, que há várias outras definições

para turista e que nenhuma pode ser tida como perfeita (McCabe, 2005; Hunt & Layne, 1991; Morley, 1990).

Com base na importância dos dois lados afetados pelo turismo — o dos nativos e o dos turistas —, deduz-se que raros estudos sérios acerca da situação turística de um destino e/ou da adoção de um modelo de turismo sustentável a este destino podem prescindir da visão e da voz deles, de seus pontos de vistas, de suas percepções, enfim. Percepção, note-se, é um processo pelo qual as pessoas organizam e interpretam impressões sensoriais com a intenção de dar sentido ao seu meio (Robbins, 2005; King *et al.*, 1993).

Este estudo, por exemplo, teve como

objetivo descrever a percepção de nativos e turistas, em termos de suas necessidades, em relação ao turismo praticado na Serra Negra — no município de Bezerros, no estado de Pernambuco —, a fim de se identificarem necessidades vinculadas às dimensões da sustentabilidade. Por consequência, procurou elaborar considerações e propostas para unir o turismo às práticas sustentáveis, a partir de possíveis *insights* extraídos do conjunto final de necessidades encontradas.

1.4 Delimitação Espacial do Estudo

A Serra Negra é um dos 10 distritos do município de Bezerros, situado no Agreste do estado de Pernambuco. Lá, residem, aproximadamente, 300 famílias — a maioria delas, pequenas proprietárias rurais, dedicadas à agricultura de subsistência, com baixa renda familiar (Melo, 2005; Buarque, 2008).

A localidade se acha distante 10 km da sede do Município, em altitude média de 800 metros — com pico de 960 metros. Trata-se de um brejo de altitude. Seus principais atrativos são uma reserva ecológica municipal

— de cerca de 100 ha —, com rica flora, fontes de água, formações rochosas elevadas — que servem como mirantes — e grutas, trechos de mata atlântica e trilhas; além de polo cultural, composto por anfiteatro, centro de conveniência para idosos, loja de artesanato e alojamento (Melo, 2005).

O turismo praticado na Serra Negra se dá, sobretudo, em função da natureza, significando, neste sentido, que quem a procura precisa de — e/ou deseja — um ambiente natural pouco alterado pelo homem (César *et al.*, 2007).

É comum se observar as pessoas se referirem à Serra Negra como um destino “ecoturístico”. Não obstante as controvérsias conceituais atreladas ao termo, ele é definido pela Sociedade Internacional de Ecoturismo (Needham & Benfield, 2007, p. 52) como “toda a viagem responsável a localidades naturais que conservem o[s] ambiente[s] e promovam o bem-estar das pessoas”.

A prática do ecoturismo (Regules *et al.*, 2007, p. 37):

[...] apresenta três fatores importantes: conservação do ambiente visitado, seja ele natural ou cultural; conscientização ambiental do turista e da comunidade receptora e desenvolvimento local e regional integrado. Portanto, no ecoturismo, incorporam-se, efetivamente, os princípios do desenvolvimento sustentável e o aspecto educacional.

O argumento reforça o presente estudo, que tenta analisar percepções acerca do turismo praticado na Serra Negra, face à sua sustentabilidade.

2. Material e Métodos

O estudo foi de caráter qualitativo e, para buscar seus objetivos, fez uso da fenomenologia, a qual é, em simultaneidade,

um método e um modo de ver (Gadamer, 2012; Mora, 1978). Em outros termos, a fenomenologia é a ciência que busca a descrição daquilo que aparece — por meio da compreensão da essência da subjetividade (Husserl, 2008a). Ela trata de descrever o fenômeno.

O método fenomenológico não existe em forma de regra ou modelo rígido a ser seguido (Medeiros *et al.*, 2011). Ele consiste em examinar todos os conteúdos de consciência. Mas, em vez de determinar se tais conteúdos são reais ou irrealis, ideais ou imaginários, examina-os, enquanto são puramente evidências (Mora, 1978). A tanto, é preciso que ocorra a suspensão dos julgamentos do(s) pesquisador(es) para que as evidências possam ser descritas com total “pureza”.

A fenomenologia se fundamenta no conhecimento e na descrição do mundo das essências. E, para se conhecer a essência, é indispensável o uso da intuição, o que seria, para Husserl (Husserl, 2008b; 2001), a intuição da essência — a intuição eidética.

A redução eidética — ou *epoché* — é a única maneira de se alcançar a generalidade essencial. Logo, seu papel elimina — reduz — influências psicológicas que possam haver no fenômeno. A redução eidética não é mais que a transformação dos fenômenos em essências (Panosso Netto, 2011).

Em geral, usa-se o método fenomenológico para buscar as essências do que é estudado — a essência faz o fenômeno

ser o que ele é, e, sem ela, ele já não é o mesmo (Panosso Netto, 2011). Ir à essência das respostas dos sujeitos do estudo — nativos e turistas —, e a analisar de forma que não houvesse julgamentos, explica como as evidências foram, aqui, analisadas e sintetizadas.

Uma das maneiras de se buscarem as essências de um objeto sobrevem da proposta hermenêutica de três fases da fenomenologia interpretativa, de Heidegger (2012). Ela se fundamenta na reunião de evidências relevantes (Fase 1); na interpretação das mesmas, em busca de suas invariantes, por meio da redução eidética (Fase 2); e na nova compreensão deles (Fase 3), em busca de suas essências (Medeiros *et al.*, 2011; Panosso Netto, 2011; Vergara, 2006). Eis o método usado na análise de evidências do estudo.

Toda resposta recebida é tida como válida, pois a fenomenologia trabalha para compreender o viver, em conformidade com o percebido por quem faz parte deste viver (Panosso Netto, 2011; Stein, 2001; Vattimo, 1996). Tal fato se torna precípuo por levar em conta que o olhar do(s) sujeitos(s) é mais importante que o do(s) pesquisador(es). A experiência e a percepção dos nativos e dos turistas podem se materializar sob a visão dos que, verdadeiramente, vivem o fenômeno, e não dos que o pesquisam (Medeiros *et al.*, 2011; Pernecky, 2010; Pernecky & Jamal, 2010).

Nos estudos norteados pelo método fenomenológico a fonte básica de evidências é

o relato do sujeito e a técnica mais utilizada à obtenção deles é a entrevista aberta ou semiestruturada (Vergara, 2006; Sokolowski, 2004).

As evidências de campo do estudo foram coletadas nos dias 15, 16, 22 e 23 de abril de 2011. Realizaram-se 11 entrevistas com nativos e turistas encontrados na Serra Negra, em três pontos diferentes: no anfiteatro, na pousada Sítio da Pedra Solta e na vila central. Das entrevistas, utilizaram-se 8 no estudo — divididas igualmente entre nativos e turistas —, para evitar saturação de conteúdo, devido a semelhanças nas respostas recebidas.

Com o uso do método fenomenológico — e, em particular, das entrevistas — a saturação é previsível (Godoi & Mattos, 2006; Mattos, 2006; Sokolowski, 2004). Ao adotar abordagens semelhantes, em estudos sobre destinações turísticas, Valença (2008) e Valença *et al.* (2010), por exemplo, já o haviam constatado. Aumentar a quantidade de sujeitos entrevistados, portanto, não afetaria decisamente resultados.

Entre os entrevistados nativos, figuravam uma caseira, uma comerciante informal, um proprietário de padaria e um de restaurante. Entre os entrevistados turistas, por seu turno, figuravam uma biomédica, um professor universitário, uma professora de ensino fundamental e uma aposentada.

As entrevistas, que duraram, no máximo, 15 minutos, cada, calcaram-se em um roteiro semiestruturado, o qual possuía

três perguntas principais, vinculadas ao mesmo tema: as necessidades do entrevistado quanto ao turismo praticado na Serra Negra. Foram elas as seguintes:

1. Em sua opinião, quais os pontos negativos existentes no destino turístico Serra Negra?
2. Em sua opinião, quais mudanças são necessárias ao destino turístico Serra Negra?
3. Se o(a) sr(a). tivesse poder para fazê-lo, o que mudaria/implantaria no destino turístico Serra Negra?

Além delas, outras perguntas foram formuladas no decorrer de cada entrevista, conforme os pesquisadores julgavam pertinente. Justificam-se as perguntas, de certo modo redundantes, para se evitarem respostas vagas ou insuficientes e se explorarem, ao máximo, as evidências obtidas durante a tarefa.

Evidências complementares utilizadas no estudo foram coletadas por meio de levantamentos bibliográficos e documentais e de observações diretas.

A análise das evidências foi qualitativa. De maneira simplificada, consistiu no trabalho intelectual de se decifrar seus sentidos aparentes, desdobrando-se seus significados, implicados na significação literal, e, então, fazendo-se uma síntese. Tratou-se de tradicional processo de análise e síntese (Medeiros *et al.*, 2011).

Para a interpretação de evidências, foi utilizada a hermenêutica, de Heidegger — a

fenomenologia interpretativa (Vergara, 2006; Stein, 2001; Vattimo, 1996). E, a partir das respostas recebidas, fez-se a redução eidética dos trechos relevantes.

Por “trechos relevantes” entende-se que estejam dentro do contexto turismo-sustentabilidade. Assim, foram encontrados os resultados descritos na próxima seção.

As respostas foram sistematicamente analisadas e sintetizadas em dois conjuntos separados — o de respostas advindas do grupo dos nativos e do grupo dos turistas. Por fim, os produtos dos dois conjuntos foram cruzados e, novamente, analisados e sintetizados.

3. Resultados

Ao se analisar as evidências do estudo, optou-se por expor as essências das

transcrições das respostas recebidas — os trechos relevantes — de cada grupo entrevistado — o dos nativos e o dos turistas, reitera-se —, sem identificar quem foi responsável por cada resposta. Os resultados deixam claro apenas a qual grupo pertence a(s) resposta(s).

A Tabela 2 expõe, exemplarmente, um modelo de procedimentos adotado na análise das respostas recebidas — o modelo hermenêutico de interpretação fenomenológica, de Heidegger (2012). As demais respostas foram analisadas da mesma forma. Por conseguinte, o conteúdo da Tabela 2 são os trechos relevantes das respostas dos sujeitos — as essências de suas percepções —, que desvelam necessidades relacionadas ao turismo praticado na Serra Negra.

Tabela 2. Modelo de análise de respostas de nativos e turistas da Serra Negra, com base na fenomenologia interpretativa de Heidegger (2012)

Reunião de respostas mais relevantes, com base na percepção dos entrevistados (Fase 1)	Invariantes encontradas por meio de redução eidética (Fase 2)	Nova compreensão de respostas, levando à essência da percepção do entrevistado (Fase 3) — Necessidade —
Nativo: “[...] as rodagens não são boas, deixando o acesso muito difícil”.	O acesso ao destino é dificultado pelas más condições de suas estradas.	Infraestrutura básica.
Turista: “Há falta de concorrência aqui! E, por isso, há exploração de preços estabelecidos pelo comércio”.	O comércio é insuficiente, fazendo com que os preços estabelecidos sejam muito elevados.	Expansão do comércio.

Embora a Tabela 2 se estruture de acordo com três fases, sua função estrita foi expor a terceira. Logo, a começar pela análise da percepção dos sujeitos, passando pela busca de suas invariantes, encontraram-se as necessidades turísticas essenciais, abaixo

listadas.

Conjunto de necessidades dos nativos: infraestrutura básica; expansão do comércio; educação à preservação do ambiente natural; capacitação profissional dos nativos; promoção de eventos; valorização da cultura

local; melhoria da interação entre nativos e turistas.

Conjunto de necessidades dos turistas: infraestrutura básica; expansão do comércio; educação à preservação do ambiente natural; capacitação profissional dos nativos; contenção do turismo em massa; e manutenção do estado original das dimensões ambientais.

Ressalta-se que as necessidades: (i) não foram listadas segundo ordens de valores; (ii) indicam, de imediato, impactos negativos do turismo praticado na Serra Negra, face ao quadro referencial de “impactos negativos do turismo” — Tabela 1, exposto anteriormente; e (iii) serão melhor descritas na próxima seção.

4. Discussão

Os resultados do estudo expuseram dois conjuntos de necessidades relacionadas ao turismo praticado na Serra Negra, com base nas percepções de dois grupos de sujeitos — nativos e turistas. O conjunto do grupo dos nativos foi composto por 7 necessidades; o do grupo dos turistas, por 6. Entretanto, como 4 eram convergentes, 9 se caracterizaram como necessidades singulares:

- Infraestrutura básica (convergente): Refere-se a sistemas viário e de transporte, de comunicação, de saneamento ambiental, de energia, de saúde, de segurança pública e outros. Note-se que, apesar do turismo ter sido

implantado na Serra Negra sem planejamento, a necessidade de infraestrutura é comum a inúmeras localidades, turísticas ou não (Lohmann, 2008; Valença, 2008), e que infraestruturas de suporte à sustentabilidade são, hoje, questões globais prioritárias (Reis, 2010). Ênfase nas dimensões econômica e social.

- Expansão do comércio (convergente): Refere-se à quantidade e à qualidade de empreendimentos comerciais: bares, restaurantes, sorveterias, mercados, postos de combustíveis, farmácias e outros. Note-se que, a despeito de ambos os grupos possuírem a mesma necessidade, ela se dá por interesses diferentes. O grupo dos nativos se interessa pela geração de emprego e renda para si; o dos turistas, pelo aumento de concorrência e oferta, e pela diminuição de preços para si. Ênfase na dimensão econômica e social.
- Educação à preservação do ambiente natural (convergente): Refere-se à conscientização e à sensibilização das pessoas para resguardar a natureza local. Note-se que os dois grupos de sujeitos direcionaram a necessidade de educação predominantemente aos

nativos. Pode-se inferir, a princípio, que os turistas são mais conscientes e sensíveis à preservação do ambiente natural. Ênfase na dimensão natural.

- Capacitação profissional dos nativos (convergente): Refere-se à qualificação dos nativos para atuar na atividade turística. Note-se que, semelhante à necessidade de expansão do comércio, a de capacitação se dá por interesses diferentes. Os nativos se interessam por expansão do turismo; os turistas, por melhor atendimento. Ênfase na dimensão econômica.
- Promoção de eventos: Refere-se a ações para atrair e manter quantidades crescentes de turistas — trata-se, em especial, da promoção de *shows* musicais populares, além dos que já existem. Note-se que a necessidade foi lançada pelos nativos e que está relacionada a dois interesses: aumentar a demanda por turismo e diminuir a sua sazonalidade. Ênfase na dimensão econômica.
- Valorização da cultura local: Refere-se ao reconhecimento e à preservação do modo de ser, viver, relacionar-se e comportar-se dos nativos. Note-se que a necessidade emerge dos próprios. Ênfase na

dimensão cultural.

- Melhoria da interação entre nativos e turistas: Refere-se ao aperfeiçoamento dos contatos entre nativos e turistas. Note-se que a necessidade é dos nativos. São eles quem aspiram ao contato mais intenso e qualificado com os turistas. Ênfase na dimensão social e cultural.
- Contenção do turismo em massa: Refere-se à manutenção, dentro de certos limites, do afluxo de turistas. Note-se que a necessidade foi lançada pelos próprios e que está relacionada ao interesse — subjacente — em evitar a extrapolação da capacidade de carga local, senão haverá prejuízo ao sossego na fruição do turismo. Note-se também que há controvérsias sobre a admissão do turismo em massa como prática reprovável (Beni, 2001; Trigo, 1998). Ênfase(s) dimensional(is) não identificada(s).
- Manutenção do estado original das dimensões ambientais: Não se refere, de fato, a uma necessidade, e sim a uma “não-necessidade”. Note-se que ela advém dos turistas e carrega consigo uma preocupação com a preservação do *status quo* das dimensões ambientais da Serra Negra. Mas,

por outro lado, carrega também uma despreocupação — ou alienação — frente ao contexto local: os turistas, em geral, não se interessam por reflexões sobre sustentabilidade enquanto

usufruem do turismo (Cruz, 2002; 1999).

As 9 necessidades singulares conjuntas, de nativos e turistas, estão expostas, sinteticamente, na Figura 1.



Figura 1. Síntese das necessidades singulares, de nativos e turistas, da Serra Negra

Os resultados expuseram 4 necessidades — de nativos e turistas — convergentes: infraestrutura básica, expansão do comércio, educação à preservação do ambiente natural e capacitação profissional dos nativos. Elas estão vinculadas à preparação de uma localidade para ser um destino turístico e deveriam ter sido satisfeitas antes da implantação do turismo na Serra Negra.

As necessidades de promoção de eventos e de contenção do turismo em massa são divergentes. Não só isto, contudo. De

certo modo, são diametralmente opostas e se anulam. A necessidade de promoção de eventos — dos nativos — e a de contenção do turismo em massa — dos turistas —, materializa um conflito de interesses.

As necessidades — dos nativos, em particular — de valorização da cultura local e de melhoria da interação entre nativos e turistas são diferentes. No entanto, não divergentes. Assim, podem e/ou devem ser satisfeitas, simultaneamente.

A busca e o alcance do

desenvolvimento sustentável e, por extensão, do turismo sustentável, ocorre por meio do equilíbrio dimensional — ou seja, do equilíbrio dinâmico entre as dimensões econômica, natural, social e cultural.

Tendo os impactos negativos do turismo — expostos na Tabela 1 — como referência para a análise e a síntese dos resultados do estudo, observa-se, por exemplo, que:

- Se as necessidades de expansão do comércio e de promoção de eventos forem satisfeitas, de maneira indiscriminada, atenderão, com ênfase, às dimensões econômica e social — principalmente, à primeira. As dimensões natural e cultural, por sua vez, sofrerão intensos impactos negativos. Desde já, é possível prever alguns deles: aumento do afluxo de turistas, da violência urbana e da exploração de recursos naturais, além de deturpação ou destruição dos valores locais.
- As necessidades de infraestrutura, de educação à preservação do ambiente natural, de capacitação profissional dos nativos e de valorização da cultura local, por levarem em consideração outras dimensões ambientais — a saber, as natural, social e cultural —, estão em consonância com os princípios da sustentabilidade turística. Tais necessidades

atendidas, auxiliam na distribuição de benefícios elementares à comunidade e na preservação de seus costumes distintos, além de na racionalidade da utilização de recursos naturais.

- A necessidade de interação entre nativos e turistas deve ser satisfeita com cautela. Por um lado, ela atende a um louvável pleito contemporâneo — o multiculturalismo; por outro, ela se arrisca em uma homogeneidade cultural dispensável. Nestes sentidos, a necessidade envolve potenciais e significativos impactos sociais e culturais.
- A satisfação da necessidade de contenção do turismo em massa não é consensual. Seus defensores creem que, se bem gerenciada, a prática causa mais impactos positivos que negativos. Seus opositores creem que, inapelavelmente, o turismo em massa, em tal tipo de destino — o “ecoturístico” —, é insustentável, em médio e longo prazos.
- A necessidade de manutenção do estado original das dimensões ambientais é, categoricamente, uma “não-dimensão”. E, na realidade, sua satisfação é impossível. O contexto da localidade já foi transformado.

Como qualquer lugar, ela está contida em um processo contínuo de transformação “lugar / não lugar / lugar” (Gallero, 2004). Na atualidade, pode-se apenas tentar gerenciar a intensidade e a velocidade das transformações ambientais.

- Dentre as quatro dimensões da sustentabilidade, a natural foi a menos enfatizada. Justamente ela, a primeira a chamar a atenção das pessoas — nativas, turistas, gestoras públicas e privadas, pesquisadoras e outras — ao potencial turístico da localidade. Eis a manifestação de um paradoxo corrente às localidades com potencial “ecoturístico”.

5. Conclusões

O objetivo do estudo foi descrever a percepção de nativos e turistas, em termos de necessidades, em relação ao turismo praticado na Serra Negra, no município de Bezerros (PE). Como resultados, o grupo dos nativos e o dos turistas expuseram conjuntos compostos por 7 e 6 necessidades, respectivamente. Entretanto, a partir da análise de cada conjunto, produziu-se uma síntese única de necessidades singulares, fundamentada no fato de que 4 necessidades eram convergentes entre os grupos — isto é, comuns entre eles.

A síntese das percepções resultou nas seguintes necessidades singulares:

infraestrutura básica; expansão do comércio; educação à preservação do ambiente natural; capacitação profissional dos nativos; promoção de eventos; valorização da cultura local; melhoria da interação entre nativos e turistas; contenção do turismo em massa; e manutenção do estado original das dimensões ambientais. As quatro primeiras eram as convergentes.

O processo de análise e síntese das percepções de necessidades permitiu que considerações e propostas fossem feitas. Destacam-se, a seguir, algumas, como exemplos:

- Cada grupo de atores possui um entendimento diferente acerca do modelo de turismo que deve ser praticado na Serra Negra. O grupo dos nativos tenta praticar um modelo que gere continuamente crescimentos e ganhos econômicos para si — uma clara ênfase à dimensão econômica da sustentabilidade, em detrimento das dimensões natural, social e cultural. O grupo dos turistas, por seu turno, tenta praticar um modelo que equilibre mutuamente as dimensões da sustentabilidade, porém ignora as necessidades dos nativos — ao turista, parece importar mais o turismo ser sustentável, e não a comunidade local o ser.
- As necessidades dos atores são, em

alguns casos, divergentes e diametralmente opostas — a exemplo da promoção de eventos, dos nativos, e da contenção do turismo em massa, dos turistas. As divergências criam, em princípio, uma situação conflituosa, ameaçadora à sustentabilidade do turismo. E, por implicação, criam uma potencial ameaça à sustentabilidade da comunidade local, em médio e longo prazos.

- O grupo dos turistas apresentou uma espécie de “não-necessidade”: a manutenção do estado original das dimensões ambientais. A rigor, ela é um desejo de preservação do *status quo* das dimensões ambientais da Serra Negra. Mas, trata-se de uma impossibilidade. Todo e qualquer lugar se encontra em contínuo processo de transformação. Portanto, a única providência possível é tentar controlar a intensidade e a velocidade das transformações, pautando-as pelos princípios de sustentabilidade.
- A Serra Negra foi “descoberta” para o turismo em função do seu ambiente natural — seu atrativo primordial. Hoje, esta dimensão ainda é diferencial. Contudo, na lista de necessidades singulares de seus nativos e turistas, ela figura

em preocupante plano secundário. Logo, faz-se premente a criação, implantação e gestão de um ininterrupto programa de educação ambiental, com projetos diversos, dirigidos a públicos diversos.

A identificação, análise, síntese e descrição das percepções de necessidades de nativos e de turistas em relação ao turismo praticado na Serra Negra serve como um ponto de partida para novos estudos — variados e complementares — sobre sustentabilidade turística.

Aproveita-se a ocasião para admitir que o presente estudo não é absoluto. Há inúmeras possibilidades para amadurecimentos — a exemplo da inclusão da dimensão “política”, junto às econômica, natural, social e cultural, e do tema “políticas públicas”.

6. Referências

- Achselrad, H. (2009). O que é justiça ambiental. Rio de Janeiro: Garamond.
- Beni, M. C. (2001). Análise estrutural do turismo. 5. ed. São Paulo: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).
- Branco, S. M. L. (1997). O meio ambiente em debate. 26. ed. São Paulo: Moderna.
- Buarque, S. C. (2008). Cidade do futuro: desafio dos municípios de Pernambuco. Recife: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

- César, P. de A. B.; Stigliano, B. V.; Raimundo, S. & Nucci, J. C. (2007). *Ecoturismo*. São Paulo: IPSIS.
- Cruz, R. de C. A. da (2002). O Nordeste que o turismo(ta) não vê. *In*: Rodrigues, A. B. *Turismo, modernidade, globalização*. 3. ed. São Paulo: Hucitec. p. 210-218.
- Cruz, R. de C. A. da (1999). Políticas de turismo e construção do espaço turístico litorâneo no Nordeste do Brasil. *In*: Lemos, A. I. de (Organizador). *Turismo: impactos socioambientais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, p. 263-272.
- Gadamer, Hans-Georg (2012). *Hegel – Husserl – Heidegger*. Petrópolis: Vozes.
- Gallero, A. L. (2004). O lugar e o não-lugar no turismo. *In*: Gastal, S.; Moesch, M. M. (Organizadores). *Um outro turismo é possível*. São Paulo: Contexto, p. 36-42.
- Godoi, C. K. & Mattos, P. L. C. L. de. (2006). Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. *In*: Godoi, C. K.; Bandeira-de-Mello, R.; Silva, A. B. de. (Organizadores). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, p. 301-323.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. 6. ed. Petrópolis (RJ); Bragança Paulista (SP): Vozes; Editora Universitária São Francisco.
- Hunt, J. D. & Layne, D. (1991). Evolution of travel and tourism terminology and definitions. *Journal of Travel Research*, v. 29, n. 4, p. 7-11, Apr.
- Husserl, E. (2008a). *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Covilhã: Lusosofia.net.
- Husserl, E. (2008b). *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Husserl, E. (2001). *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. São Paulo: Madras.
- IBGE (2004). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Vocabulário básico de recursos naturais e meio ambiente*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE.
- King, B.; Pizam, A. & Milman, A. (1993). Social impacts of tourism: host perceptions. *Annals of Tourism Research*, v. 20, n. 4, p. 650-665.
- Krippendorff, J. (2001). *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph.
- Lohmann, G. (2008). *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph.
- Mattos, P. L. C. L. de (2006). Análise de entrevistas não estruturadas: da formalização à pragmática da linguagem. *In*: Godoi, C. K.;

- Bandeira-de-Mello, R. & Silva, A. B. de. (Organizadores). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, p. 347-373.
- Mccabe, S. (2005). 'Who is tourist?' A critical review. *Tourist Studies*, v. 5(1), p. 85-106, Apr.
- Medeiros, M. L.; Passador, J. L. & Becheleni, D. G. (2011). A fenomenologia e a pesquisa em turismo: reflexão para aplicação com base no turismo gastronômico. *Turismo – Visão e Ação [Eletrônica]*, v. 13, n. 1, p. 20-34.
- Melo, M. J. G. (2005). A inserção do ecoturismo no brejo de Serra Negra/Bezerros/PE: uma proposta de desenvolvimento socioespacial? 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife.
- Mendonça, T. C. de M. & Irving, M. de A. (2004). Turismo de base comunitária: a participação como prática no desenvolvimento de projetos turísticos no Brasil – Prainha do Canto Verde, Beberibe (CE). *Caderno Virtual de Turismo*, v. 4, n. 4, p. 12-22.
- Morley, C. L. (1990). What is tourism? Definitions, concepts and characteristics. *Journal of Tourism Studies*, v. 1, p. 3-8, Dec.
- Mora, J. F. (1978). *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Dom Quixote.
- Myanaki, J.; Leite, E.; César, P. de A. B. & Stigliano, B. V. (2007). *Cultura e turismo*. São Paulo: IPSIS.
- Nascimento, E. P. do & Vianna, J. N. (2009). *Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Nascimento, L. F.; Lemos, A. D. da C. & Mello, M. C. A. de (2008). *Gestão socioambiental estratégica*. Porto Alegre: Bookman.
- Needham, N. & Benfield, S. B. (2007). *Passaporte para o mundo*. São Paulo: IPSIS.
- Paiva, M. das G. de M. V. (1995). *Sociologia do turismo*. Campinas: Papyrus.
- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. 2. ed. São Paulo: Aleph.
- Pernecky, T. (2010). The being of tourism. *The Journal of Tourism and Peace Research*, 1(1), p. 1-15.
- Pernecky, T. & Jamal, T. (2010). (Hermeneutic) Phenomenology in tourism studies. *Annals of Tourism Research*, v. 37, n. 4, p. 1055-1075.
- Prado, R. M. (2003). As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. *Horizontes Antropológicos*, a. 9, n. 20, p. 205-224, out.
- Regules, M. P. P.; Cavalcanti, P. A. B.;

- Tibério, W. & Silva, V. C. (2007). *Ética, meio ambiente e cidadania para o turismo*. São Paulo: IPSIS.
- Reis, L. B. dos (2010). Infra-estrutura básica como fundamento do turismo. *In: Philippi Jr., A. & Ruschmann, D. van de M. (Organizadores). Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo*. Barueri: Manole, p. 633-658.
- Ricardo, B. & Campanili, M. (Editores). (2008). *Almanaque Brasil socioambiental*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- Robbins S. P. (2005). *Fundamentos do comportamento organizacional*. 7. ed. São Paulo: Prentice-Hall.
- Trigo, L. G. G. (1998). *A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo*. Campinas: Papirus.
- Trigo, L. G. G.; Almeida, R. A. de; Leite, E. & Malcher, M. A. (2007). *Aprendiz de lazer e turismo*. São Paulo: IPSIS.
- Sachs, I. (2003). *Inclusão social pelo trabalho: desenvolvimento humano, trabalho decente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- Sokolowski, R. (2004). *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Loyola.
- Stein, E. (2001). *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação Heideggeriana*. Ijuí: Unijuí.
- UN – United Nations (1987). *General Assembly – A/42/427 – Report of the World Commission on Environment and Development – Our Common Future*. [*sine loco*]: UN.
- Valença, S. (2008). *Modelo para elaboração de um sistema de gestão sustentável para um destino turístico de zona costeira: um estudo em Porto de Galinhas, no município de Ipojuca, em Pernambuco*. 2008. 275 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil (PPGEC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife.
- Valença, S.; Sobral, M. do C. M.; Ramos, D. & Cavalcanti, C. (2010). *Prospective scenarios of the environmental management of the tourist destination of Porto de Galinhas based on the enlargement of the Industrial and Portuary Complex of Suape, Pernambuco. Management Environmental Quality: an International Journal*, v. 21, n. 3, p. 336-350.
- Vattimo, G. (1996). *Introdução a Heidegger*. 10. ed. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vergara, S. C. (2006). *Métodos de pesquisa em administração*. 2. ed. São Paulo: Atlas.